



Condicionantes da atuação da Companhia de Jesus na formação escolar das elites da República no Brasil (1891-1930)¹

Conditions of the role of Society of Jesus in training school of the Republic of elites in Brazil (1891-1930)

Condicionantes de la actuación de la Compañía de Jesús en la formación escolar de las elites de la Republica en Brasil (1891-1930)

LORENA MADRUGA MONTEIRO²

Resumo

A Companhia de Jesus é lembrada, tanto em análises históricas, quanto no imaginário popular, pela sua atuação missionária e educativa durante o período colonial no Brasil. No entanto, poucos estudos dedicaram-se a analisar sua atuação após sua volta ao País. Este é o objetivo deste estudo - destacar a relação dos Jesuítas com a formação escolar das elites no período republicano. Nesse sentido analisou-se, os condicionantes do reingresso da Companhia de Jesus ao Brasil, a implantação dos seus educandários e as diretrizes pedagógicas que difundiram com base no *Ratium Studiorum* o que produziu grupos homogêneos e distintos socialmente. Demonstra-se, neste sentido, que os jesuítas buscaram formar escolarmente as elites da República no Brasil.

Palavras-chave: Companhia de Jesus, Formação escolar das Elites, Brasil.

¹ Este artigo é uma versão modificada de parte da tese intitulada *Religião, cultura e política: O apostolado laico dos jesuítas no RGS e os espaços sociais de atuação*, orientada pelo professor Dr. Hélió Trindade e defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFRGS.

² Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Programa de Pós-Graduação Sociedade, Tecnologias e Políticas Públicas do Centro Universitário Tiradentes. E-mail: lorena.madruga@bol.com.br

Abstract

The Society of Jesus is remembered, both in historical analysis, as in the popular imagination, for his missionary work and education during the colonial period in Brazil. However, few studies devoted to analyzing his performance after his return to the country. This is the purpose of this study - to highlight the relationship of the Jesuits with the education of elites in the republican period. In this sense, we analyzed the conditions of the reinstatement of the Society of Jesus in Brazil, the implementation of its gymnasiums and pedagogical guidelines that broadcast based on Ratum Studiorum which produced socially homogeneous and distinct groups. It is shown, in this sense, the Jesuits sought to train the elite of the Republic in Brazil.

Keywords: *Society of Jesus, education of elites, Brazil.*

Resumen

La Compañía de Jesús es recordada, tanto en los análisis históricos, como en el imaginario popular, por su actuación misionaria y educativa durante el periodo colonial en Brasil. Sin embargo, pocos estudios se han dedicado a analizar su actuación después de su regreso al País. Este es el objetivo de este estudio –destacar la relación de los Jesuitas con la formación escolar de las elites en el periodo republicano. En este sentido se analizó, los condicionantes del reingreso de la Compañía de Jesús al Brasil, la implantación de sus educadores y las directrices pedagógicas que difundieron con base en el Ratum Studiorum lo que produjo grupos homogéneos y distintos socialmente. Se demuestra, en este sentido, que los jesuitas buscaron formar escolarmente a las elites de la Republica en Brasil.

Palabras-clave: *Compañía de Jesús, Formación escolar de las Elites, Brasil.*

Recebido em: dezembro de 2015

Aprovado para publicação em: março de 2016

A Companhia de Jesus é lembrada, tanto em análises históricas, quanto no imaginário popular, pela sua atuação missionária e educativa durante o período colonial no Brasil. No entanto, poucos estudos dedicaram-se a analisar seu papel na formação dos grupos melhores situados economicamente no espaço social durante o período republicano. Este é o objetivo deste estudo - destacar a relação da Ordem dos Jesuítas restaurada com a formação escolar das elites a partir do período republicano no Brasil.

Ao contrário do que ocorreu no período colonial quando os Jesuítas associavam-se ao projeto colonizador do governo português, o contexto do retorno da Companhia de Jesus pautou-se pelo afastamento do projeto político republicano, e pela sua aproximação com grupos sociais específicos, como os de imigração. Desse modo, inseriu-se no projeto de colonização dos grupos imigrados até dedicarem-se a formação das elites instalando seus educandários em cidades estratégicas à época, como o Ginásio São José (1867) inicialmente em Itu, transferido para São Paulo; o Ginásio Nossa Senhora da Conceição (1870) em São Leopoldo no RGS, que teve como sua continuação o Ginásio Anchieta (1890) de Porto Alegre, e também o Catarinense (1905) de Florianópolis; o Ginásio Anchieta (1886) de Nova Friburgo- RJ que manteve sua tradição no Ginásio Santo Ignácio (1902) no Rio de Janeiro, dentre outros.

Todos esses educandários, assim como qualquer empreendimento educativo da Companhia de Jesus, seguiam a metodologia do *Ratium Studiorum* cujos procedimentos baseavam-se na disciplina rígida, na repetição e na emulação (competição) com o objetivo de “reproduzir sujeitos regulados, empreendedores e refinados, do sexo masculino, particularmente aqueles que se preparavam para integrar a elite dirigente”³. Dado esse panorama, neste artigo, demonstra-se os condicionantes do retorno da Companhia de Jesus ao Brasil, sua associação com o processo de imigração, e o redimensionamento de suas atividades para a formação das elites em seus educandários, assim como as diretrizes pedagógicas que difundiram com base no *Ratium Studiorum*⁴.

Condicionantes do reingresso da Companhia de Jesus ao Brasil

De onde vieram os jesuítas que ingressaram ao Brasil no século XIX e XX? Quais atividades buscaram desenvolver aqui? Estas são algumas das perguntas que se colocaram as fontes e as explicações disponíveis sobre a vinda dos jesuítas a este país. A ideia é demonstrar, ainda que sumariamente, as variações entre as diversas missões e como se dividiram no território brasileiro.

³ DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001, p. 9.

⁴ Para delimitar as condições internacionais e nacionais que possibilitaram que a Companhia de Jesus restabelecesse suas atividades no Brasil consideraram-se, como fontes essenciais, os relatos produzidos pelos inicianos – levando em conta que alguns destes comentaristas foram atores e relatores desse processo. Para completar as informações recolhidas contou-se com algumas análises biográficas disponíveis de alguns dos jesuítas que vieram ao país, a exemplo daquelas produzidas por Arthur Rabuske sobre o Pe. Werner Von Und Zur Mühlen e sobre o Pe. Gustavo Locher, e aquelas do Pe. Balduino Rambo e do Pe. Arthur Blasius Rambo sobre o Pe. J.E. Rick, e os próprios escritos de natureza biográfica do Pe. Max Von Lasserg, S.J., pois fornecem informações detalhadas em relação à ambientação religiosa e cultural dos países em que estes jesuítas percorreram. Em relação à missão portuguesa da Companhia de Jesus no nordeste, de 1911 a 1936, contou-se com os dados agregados por Pe. Ferdinand Azevedo.

Os primeiros jesuítas que chegaram ao Brasil após a restauração das atividades da Companhia de Jesus a partir de 1814 representavam à província espanhola. Impossibilitados de trabalhar na Argentina, com a expulsão da Ordem decretada por Rosas em 1842, seguiram para o Rio Grande do Sul, pois não podiam regressar a Espanha. Conforme Reinholdo Aloysio Ullmann S.J. embora o ingresso na Argentina destes jesuítas tenha sido motivado pelo próprio convite do General Juan Manuel Rosas, o relacionamento posterior da Ordem com o “El Supremo” não foi amistoso, pois:

Os jesuítas sofreram desilusões com Rosas, porquanto ele queria que apoiassem seu partido- “Federación”- contra o Partido adversário- “unión”. Sequazes de Rosas começaram a hostilizar os jesuítas. Costumava o “El supremo” dizer: quem não é a favor de mim, é contra mim”. Não querendo, em absoluto, servir de instrumento político, o Pe. Bertugo fechou o colégio “San Ignacio”, dirigido pelos jesuítas, e os padres dispersaram-se pela capital. Isso ocorreu em 1841.⁵

Com a expulsão dos jesuítas da Argentina em 1842 o Pe. Bertugo, Superior da missão espanhola naquele país, juntamente com o irmão Saracco, seguiram para o Rio de Janeiro. Nesta cidade, apesar dos esforços do Internúncio Apostólico Ambrósio Campodônico, o Bispo do Rio de Janeiro - Dom Manuel do Monte Rodrigues de Araújo-mostrou-se pouco disposto a aprovar as atividades destes dois jesuítas na capital do país. Em 1942, ingressou no Rio de Janeiro o Pe. José Sató, vindo de Buenos Aires, e o Pe. Bertugo seguiu para Montevidéu atender os jesuítas que se encontravam no Plata.

Pe. José Sató, juntamente com o Pe. João Coris, e o irmão Gabriel Fiol, que vieram da capital uruguaia, como não encontraram condições de trabalho apostólico no Rio de Janeiro, foram mandados para o sul do Brasil desenvolver a religião católica entre os grupos imigrados da Europa e entre os nativos pouco afeitos às práticas religiosas. Ambros Schupp⁶, S.J. em seu relato, destaca que, apesar do governo permitir que os colonos alemães tivessem seus curas de almas, tal permissão e eventual subsídio financeiro não se estendia a todos padres estrangeiros, o que acarretou uma série de dificuldades a essa missão dos jesuítas.

Além disso, Jorge Lutterberg, SJ⁷ descreve outras dificuldades que esta missão deparou-se, em especial a questão do idioma, de um lado a compreensão da língua portuguesa, nas missões nas regiões lusas, e, por outro, o idioma alemão nas atividades desenvolvidas nas regiões coloniais. Por isso, intensificaram, num primeiro momento, suas atividades missionárias em Porto Alegre e no interior do Estado (Viamão, Pelotas, São Francisco de Paula, Santo Antônio da Patrulha, dentre outras) para aprender o português, e posteriormente, buscaram compreender a língua alemã para atender os grupos de imigração nas colônias teutas.

⁵ ULLMANN, Reinholdo Aloysio. BOHNEN, Aloysio (Coord). **A atividade dos Jesuítas de São Leopoldo. (1844-1989)**. São Leopoldo: Unisinos, 1989, p. 85.

⁶ Cf. SCHUPP, Ambros. **Missões dos Jesuítas Alemães no Rio Grande do Sul**. 1ª Edição, Unisinos, São Leopoldo, 2004 (1912).

⁷ LUTTERBECK, Pe. Jorge. **Jesuítas no Sul do Brasil**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de pesquisas. Publicações avulsas, n.3, 1977.

No decorrer destas atividades juntaram-se a esses jesuítas espanhóis o Pe. Mariano Bertugo, Superior da Companhia, que regressou ao Brasil, e o Pe. Manuel Martós. Naquele momento, conforme os comentadores jesuítas, a missão começou a fixar-se no sul do país, estabelecendo residência em Porto Alegre e em Florianópolis, com a casa dos Jesuítas do Desterro, fundada pelo Pe. Bertugo, em 1843. Instalados, esse grupo de jesuítas, além das atividades de cura e apostólicas realizadas, fundou, em 1844, um curso de Latim em Florianópolis, que pode ser considerado o primeiro colégio da Companhia restaurada no Brasil. No entanto,

Só alguns poucos anos de existência estavam reservados a esse colégio tão promissor, pois em 1853, quando os padres abriam um novo ano escolar com matrícula então expressiva de 75 alunos, principiou a alastrar-se pela cidade o pânico causado pela terrível febre amarela. O flagelo exigia vítimas diárias, pelo que o colégio teve de suspender suas aulas. Quatro padres e cinco alunos, sem falar de outros religiosos, foram sucessivamente arrebatados pela fúria da peste. Somente três dos padres conseguiram escapar.⁸

Com o fechamento do colégio os jesuítas espanhóis abandonaram Santa Catarina, em 1855. Os Jesuítas da missão espanhola que permaneceram em Porto Alegre, por sua vez, também enfrentaram dificuldades, especialmente financeiras. Deste modo, a residência em Porto Alegre foi fechada, parte dos jesuítas seguiu para Montevidéu e outros para Assunção. Embora o Barão de Caxias – o presidente da província do Rio Grande do Sul – tenha manifestado o desejo que a Companhia fundasse uma escola secundária em Porto Alegre, nada foi feito para que se concretizasse, mesmo com a volta de alguns destes religiosos.

Em relação a atividades nas colônias alemãs, neste primeiro momento, a falta de domínio do alemão consistiu num impedimento para os jesuítas espanhóis. Mesmo assim, a partir de 1844, investiram em atividades esparsas de confissão dos colonos e reproduziram alguns sermões em português, embora a maioria dos imigrantes alemães de São Leopoldo pouco compreendesse. Neste momento, a primeira leva de jesuítas alemães encontrava-se no sul do Brasil, e, enquanto os jesuítas de língua alemã dirigiam-se ao atendimento dos teutos-católicos, os espanhóis, a pedido do governo da província do Rio Grande do Sul, retomaram os trabalhos apostólicos entre os índios, retomando, em menor grau, os empreendimentos realizados nas missões jesuíticas do período colonial. No entanto:

Esta obra, tão auspiciosamente começada, acabou bem mais cedo do que teria se pensado. Em 1852, quando começou a luta contra a Companhia em Porto Alegre, as reduções dos índios não só foram a primeira vítima, senão também a ocasião principal dos ataques contra os jesuítas. A assembléia dos Deputados do Rio Grande do Sul publicou um decreto, ordenando que as aldeias passassem de imediato aos cuidados dos Padres Capuchinhos, vista a inconstitucionalidade da oferta a uma seita protestante, e que os jesuítas as abandonassem sem

⁸ *Ibidem*, p. 28.

mais. [...] Passados, porém, apenas dois anos, a mesma assembléia revogou o decreto supra e tornou a pedir aos mesmos padres jesuítas espanhóis, que novamente mandassem missionários seus para os acampamentos de índios. Nesse ínterim, contudo, a maioria dos antigos missionários já se havia retirado do sul do país e se encontrava trabalhando em outros postos de apostolado nas republicas vizinhas⁹.

A missão evangelizadora entre os índios do sul do Brasil e do Uruguai foi o principal motivo da vinda da missão espanhola ao Brasil. Objetivavam “1) Entrar no Paraguai, através do Brasil; 2) fundar uma missão no Brasil e reavivar os sete povos, à margem esquerda do Uruguai, no Rio Grande do Sul¹⁰”. Entretanto, apesar de terem realizados missões entre os grupos indígenas no sul do Brasil, como por exemplo, as atividades do Pe. Inácio Gurri e João Córís entre os índios do Alto Uruguai, em 1848, as do Pe. Tiago Villarubia e de Julio Solanella entre os do Nonoai, e as do Pe. Bernardo Pares entre os do Campo do Meio¹¹; seguiram para a Argentina e para o Uruguai.

Com a dispersão dos jesuítas espanhóis do sul do Brasil, mesmo com a presença de um grupo significativo de jesuítas da missão alemã, Dom Sebastião Dias Laranjeira, Bispo do Rio Grande do Sul, solicitou ao Geral da Ordem Pe. João Beckx que enviasse jesuítas para dirigirem o Seminário, em 1860. Vieram, em fins de 1860, Pe. Carlos Missir, Pe. Rafael Túveri e o irmão Ghirardini, jesuítas da missão romana. Em seguida chegou o Pe. José Repetti acompanhado de mais dois padres italianos. Deste modo, a missão jesuíta no Estado do Rio Grande do Sul passou da província espanhola para a romana, uma vez que os italianos assumiram o seminário, a assistência espiritual dos religiosos e o ministério do confessor, e os padres da missão alemã continuavam suas atividades junto aos grupos teutos-católicos¹².

Neste ínterim, em 1863, no navio Guyenne, saído de Bourdeaux, França, encontravam-se dois jesuítas da missão romana- Pe. Jacques Razzini e Pe. Ermídio Pardocchi- que vinham ao sul do Brasil negociar a abertura de um colégio no Desterro, Santa Catarina. Nesta viagem, conheceram o escritor Pe. Anthelmo Goud, capelão do Colégio São José de Champéry, de Itu, que os incentivou a abrir um colégio naquela localidade¹³. Deste modo, antes de seguir para o sul Pe. Razzini conheceu a cidade de Itu, no Estado de São Paulo, e, em dezembro deste mesmo ano, mandou o Pe. Antônio Onorati, o Pe. Bartolomeu Taddei, o irmão José Giommi e o irmão coadjutor Afonso D’Amieis, para fundarem o colégio de Itu.

Ainda em 1863, Pe. Jacques Razzini, Pe. Emídio Pardocchi e parte da missão romana do sul do Brasil foram negociar com a Assembleia legislativa de Santa Catarina a criação de um colégio dos jesuítas. Em 1865, ambas as partes - o poder legislativo de Santa Catarina e os Jesuítas - acordaram a fundação de um colégio destinado a ministrar as matérias necessárias

⁹ Ibidem, p. 48.

¹⁰ ULLMANN, Reinhold Aloysio. BOHNEN, Aloysio (Coord). **A atividade dos Jesuítas de São Leopoldo. (1844-1989)**. São Leopoldo: Unisinos, 1989, p. 85.

¹¹ Cf. RUBERT, Arlindo. **História da Igreja no Rio Grande do Sul: época imperial. (1822-1889)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 292.

¹² Cf. LUTTERBECK, SJ. Pe. Jorge. **Jesuítas no Sul do Brasil**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de pesquisas. Publicações avulsas, n.3, 1977

¹³ Cf. LOCHER, Gustavo. **A Companhia de Jesus: Centenário de sua restauração 1814-1914**. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1914.

para o ingresso nas faculdades imperiais, tanto em regime de externato, como internato. Como o governo doou o terreno e comprometeu-se com a ajuda financeira para o desenvolvimento pedagógico do Colégio, este foi fundado em 1866, com o nome de *Santíssimo Salvador*. De acordo com Lutterbeck¹⁴ este educandário teve existência efêmera, de um lado em função da reação liberal e anticlerical dos grupos catarinenses divulgadas na imprensa, e, por outro lado porque se depararam com a concorrência de outros educandários, a partir da reabertura dos Liceus. Assim, com o fechamento deste Colégio, parte da missão romana seguiu para Nova Trento atender a aos imigrados italianos recém-chegados, e outra se dirigiu para a fundação do Ginásio São Luis em Itu, São Paulo.

Entretanto, a instalação do ginásio São Luis demorou. Por um lado, não foi obtida a licença através do inspetor provincial de Instrução Pública, e por outro, tardaram a achar um local apropriado para estabelecer o ginásio. Em relação ao primeiro ponto, com ajuda de famílias influentes de Itu, em especial da de Antônio Augusto Guaianoz, conseguiram a autorização, desde que o Padre Brasileiro Jerônimo Pedroso de Barros, capelão, fosse designado Reitor do novo colégio. Em relação ao local do Ginásio inicialmente funcionou no convento da cidade. Desta forma, o ginásio foi inaugurado em 1867.

Devido à crescente demanda pelo colégio, necessitaram ampliar suas instalações. Receberam do Pe. José Galvão de Barros França uma chácara com um sobrado que pertenceu ao seu tio, o jesuíta José de Campos Lara, que o havia deixado como herança para a construção de um colégio futuro da Companhia de Jesus. Como relata o Pe. Locher¹⁵ :

O colégio em Itu teve uma origem singularmente providencial. O padre José de Campos Lara, Ituano e jovem jesuíta no tempo da expulsão, em 1759 acompanhará seus irmãos ao exílio. Vinte e cinco anos depois resolveu voltar da Itália para o torrão natal. No momento em que ia embarcar, um desconhecido entregou-lhe um pequeno painel de Nossa Senhora do Bom Conselho, ainda hoje o maior tesouro do colégio. Em honra da imagem edificou o ex-jesuíta em Itu uma capelinha, a cuja sombra fundou um Seminário menor. Depois de uma vida cheia de virtudes e merecimentos veio a falecer em 1820. No seu testamento deixou a um sobrinho os terrenos em que se achava a capela, obrigando-o a entregá-los aos padres da companhia, quando voltassem, afim de neles construírem um colégio.

Em 1872 o São Luis foi inaugurado nestas instalações. Destaca-se, que, neste mesmo período, os padres da missão romana abriram outra instituição escolar em Recife, O colégio *São Francisco Xavier*, mas, devido à questão religiosa, em 1873, como suas instalações foram saqueadas, assim como alguns religiosos foram feridos, além de outros terem sido exportados, o colégio foi fechado.

¹⁴ Cf. LUTTERBECK, SJ. Pe. Jorge. **Jesuítas no Sul do Brasil**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de pesquisas. Publicações avulsas, n.3, 1977.

¹⁵ LOCHER, Gustavo. **A Companhia de Jesus: Centenário de sua restauração 1814-1914**. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1914., p. 56.

Depois de mais de 20 anos localizado em Itu, e com uma clientela crescente, especialmente, após a inauguração da estrada de ferro, em 1873, com os surtos epidêmicos do final do século, em especial o da febre amarela de 1892, os jesuítas italianos venderam o prédio do colégio de Itu para o Exército e transferiram-se para São Paulo, para a Avenida paulista. Portanto, com a equiparação ao colégio Pedro II, alcançada em 1900, o Ginásio *São Luís* adquiriu prestígio na capital paulista, e agregou, além dos filhos de imigrantes europeus que foram para São Paulo em busca de melhores condições de vida, os filhos da burguesia paulistana (composta pelos grandes fazendeiros, negociantes), especialmente aquela da rua dos casarões, aonde se localizava o colégio dos jesuítas.

A tradição do colégio de Itu foi reproduzida pelos jesuítas da missão romana no Estado do Rio de Janeiro com a fundação do *Ginásio Anchieta*, de Nova Friburgo, em 1886, e do *Santo Inácio*, em 1903, no Rio de Janeiro, capital da República. Ambos, o primeiro funcionou como internato e o segundo como externato, agregaram “grande parte da mocidade do Rio de Janeiro e das regiões vizinhas”¹⁶. Destaca-se que sob a influência do Padre jesuíta italiano Bartholomeu Taddei, nesta região, sobressaiu-se, embora existissem Congregações Marianas nos Ginásios, as atividades do Apostolado da Oração e da Devoção do Coração de Jesus. Portanto, a missão romana concentrou suas atividades nos empreendimentos educativos da Companhia de Jesus. Com a fundação do Colégio *São Francisco Xavier*, em 1928, dedicado à colonização japonesa em São Paulo, iniciativa do jesuíta italiano Guido Del Toro, completava-se a Província Central do Brasil.

Os jesuítas de língua alemã que começaram a ingressar no país a partir de 1849 apresentam certas especificidades que devem ser consideradas quando se analisa os condicionantes do reingresso da Companhia de Jesus ao Brasil. Constantemente é aceito, em larga medida, seja em análises especializadas ou não, como a principal causa do regresso dos inicianos que desenvolveram atividades na província germânica, ou daqueles de origem alemã, ao Brasil, a expulsão da Companhia de Jesus da Alemanha pelo acirramento da política de *Kulturkampf* de Bismarck. No entanto, embora esta explicação seja válida, quando se referem ao impulso, a partir de 1872, que a missão alemã no sul do Brasil teve em termos de pessoal, o que não se discorda aqui, uma breve lida nas biografias daqueles jesuítas desta missão que desenvolveram atividades significativas, e mesmo uma simples olhada nas datas que chegaram sugerem outras questões.

Uma delas é que os primeiros jesuítas de língua alemã aportaram no sul do Brasil por volta de 1849, portanto, antes da política de laicização de Bismarck. Assim, o ingresso deles relacionou-se com dois fatores: 1) a expulsão da Companhia de Jesus da Suíça (1847) e da Áustria (1848); 2) e a intensificação do processo imigratório no Rio Grande do Sul, em especial dos grupos teutos, após a Revolução Farroupilha, o que fez com que, tanto os jesuítas espanhóis que se encontravam neste Estado, quanto o presidente da província pedissem aos superiores da Ordem, e a Roma, padres de língua alemã ou que compreendessem este idioma.

A expulsão dos jesuítas da Suíça e da Áustria ocorreu em função das revoluções liberais de 1848. O relato histórico do caso da Suíça descrito por Allain Guillerrou é ilustrativo do clima religioso e político daquela época:

¹⁶ Ibidem, p. 57.

Na Suíça, este afastamento da Companhia conheceu graves pesares. Havia no início do século se enfrentado os conservadores, partidários de um Estado federal apoiado pela massa camponesa e de tendência católica, com os radicais, que preferiam um Estado fortemente centralizado, apoiados pela burguesia urbana, comerciante e de opinião liberal. Os cantos católicos temiam que um governo central forte, passado para as mãos dos liberais, lhes impôs-se instituições comuns inspiradas em uma ideologia anti-religiosa. Por isso decidiram empreender uma política separatista e formaram- eram sete- uma espécie de união federal marginalizada: o *Sonderbund*. Lucerna era um local que estava à cabeça desse movimento. Seus habitantes creram ser útil, para acrescentar o vigor das forças católicas chamarem os Jesuítas, e lhes pediram que abrissem uma casa em sua cidade. A Companhia que já havia implantado em Vallais e Friburgo, primeiro recusou, temia irritar a opinião protestante. No entanto, os católicos de Lucerna insistiram e os ofereceram fazer cargo, primeiro, em outubro de 1844, do seminário de sua faculdade de teologia. Os radicais iniciaram uma campanha contra os jesuítas, apresentando-os como perigosos para a paz do país e pedindo que fossem expulsos. Obtiveram em 1847 a maioria na esfera federal. O *Sonderbund* foi declarado ilegal e se ditou um decreto de expulsão contra os jesuítas.¹⁷

Já Charles E. O'Neill, por sua vez, pondera no *Dicionário Histórico da Companhia de Jesus*, que apesar da sua expulsão da Província da Galícia, território austríaco na época, atualmente parte da Polônia, foi um período frutífero para os inicianos, porque intensificaram suas missões ultramar, conforme sua descrição abaixo:

28 padres e 26 irmãos trabalharam no território do Império Austríaco, 23 padres e tantos outros irmãos, nas fronteiras da atual Áustria como operários, párocos, diretores de exercícios, confessores e predicadores; e os irmãos ajudaram os padres em hospitais e outros ofícios. Com os padres alemães, começaram os austríacos a fazer missões populares pela Alemanha, aonde se destacou como predicador Joseph Klinkowiströn. Um campo inteiramente novo foi as missões de ultramar. Um cônego de Munich pediu jesuítas para os imigrantes alemães. Max Klinkowiströn e Alois Kranewitter se ofereceram. Salerion em 15 de agosto e três meses depois chegaram a Austrália. Sua primeira estação foi a fundação de Sevenhill, na Diocese de Adelaide, no sul. Após chegaram outros jesuítas austríacos. Outro imenso campo de missão para os austríacos foi a América do Norte¹⁸.

¹⁷ GUILLERMOU, Alain. **Los jesuítas**. Barcelona: Oikos-Tau, 1970, p. 86 (Tradução livre)

¹⁸ O' NEILL, Charles. **Diccionario histórico de la compañía de Jesús**. Roma: Inst. Historicum, S.I. [u.a.] 2001, p. 294-295.

Embora O'Neill só cite a migração dos jesuítas da província da Galícia para a América do Norte e para a Austrália, alguns desses jesuítas de língua alemã, desta província, a qual agregava membros da Companhia de Jesus advindos da Suíça, da Polônia, dentre outras nacionalidades, vieram para o sul do Brasil em 1849. Conforme a relato de Balduino Rambo SJ:

A missão do sul do Brasil, hoje província autônoma, foi uma ramificação da província da Ordem da Alemanha. Seus primeiros começos recuam até o ano de 1842, quando os jesuítas espanhóis expulsos da Argentina viajavam pelo Rio Grande do Sul e entraram em contato com os alemães católicos fixados aí desde 1824. Como viviam no completo abandono religioso, os jesuítas espanhóis obtiveram do Pe. João Rothmann, geral da Ordem, o envio de dois jesuítas de fala alemã, Pe. João Sedlack e Pe. Agostinho Lipinski, pertencentes à província da Áustria. Tendo em vista o constante crescimento das necessidades dos assentamentos coloniais, a província alemã da Ordem assumiu o envio de reforços. Entre eles contavam-se, depois dos alemães, do Reich, os suíços ocupando o segundo lugar em número¹⁹.”

Estes primeiros jesuítas de língua alemã – Pe. Agostinho Lipinsk (polonês), Pe. João Sedlack (tcheco) e o irmão Antônio Sonntag (silesiano) - estabeleceram suas atividades nas colônias de São Leopoldo e Dois Irmãos. Após poucos anos “As paróquias de São José do Hortênsio e Dois Irmãos, fundadas em 1851 pelos padres Agostinho Lipinski e João Sedlack, contando com quatro mil católicos, haviam evoluído para 25 paróquias, duzentas capelas filiais e quarenta mil almas e 34 jesuítas atuando nelas”²⁰. Este desenvolvimento deve-se a vinda, a partir de 1858, de nova leva de jesuítas de língua alemã, provenientes da Europa Central, como o Pe. Bonifácio Klüber, nomeado pároco de São Leopoldo, o Pe. Miguel Kellner e o irmão Ruhkamp, representantes da província da Alemanha. Assim como, da vinda do Pe. José Hagg, austríaco, do Pe. Bernardo Ehring, do Pe. Guilherme Doerlemann, e do Pe. João Gassner.

Portanto, este grupo, em sua maioria, desde 1858, concentrou suas atividades nas colônias de imigração alemã, especialmente em São Leopoldo, seja na Paróquia Nossa Senhora da Conceição, ou na residência dos Jesuítas, fundada na década de 1860. Mesmo com a expansão de seus empreendimentos os religiosos enfrentaram muitas adversidades e oposições, especialmente na imprensa, uma vez que os grupos teutos em São Leopoldo e nas demais colônias alemãs dividiam-se entre católicos e protestantes, ao contrário das colônias italianas que a maioria dos imigrados possuía orientação religiosa católica²¹.

Enquanto expandiam-se suas atividades, através da instalação de paróquias, capelas, pregações do evangelho, etc, em várias colônias do sul do país, estes jesuítas perceberam a necessidade de fundar escolas, as quais formariam, dentro dos preceitos religiosos católicos, os

¹⁹ RAMBO, Balduino, SJ. **João Rick** (Biografia escrita por Pe. Balduino Rambo, SJ- Tradução por Arthur Rambo). In: RABUSKE, A. RAMBO, A. (Editores). *Pe. J.E. Rick, SJ. Cientista, colonizador, apóstolo social, professor*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004, p. 16.

²⁰ Ibidem, p. 18

²¹ Cf. LUTTERBECK, SJ. Pe. Jorge. **Jesuítas no Sul do Brasil**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de pesquisas. Publicações avulsas, n.3, 1977.

filhos dos imigrantes alemães. Também havia a conexão de certas características culturais de parte dos grupos imigrantes alemães com o projeto de restauração católica orientada pelos jesuítas. Por exemplo, a implantação de escolas elementares e paroquiais similares àquelas da região do rio Reno, em especial de Hunsrueck, região a qual advinham a maior parte dos teutos católicos. Além disso, esta região apresentava certas características que tem relação com o comportamento religioso dos imigrantes alemães, conforme Kreutz:

A partir de 1875, com o tratado de Viena, a região do Hunsrueck foi anexada à Prússia Renância (...) a nível religioso poder-se-ia dizer que, no qual, a Prússia, com larga predominância de evangélicos se identificou com o espírito da Aufklärung (ilustração), sendo que o Hunsrueck foi terreno fértil para a Contra-reforma (...). A Prússia simbolizava a consciência política, o Hunsrueck o conservadorismo agrário, a Prússia o dinamismo industrial – em termos de Alemanha – o Hunsrueck o ritmo da natureza.²²

Assim sendo, os jesuítas implantaram um amplo sistema escolar baseados em suas paróquias, traduzindo a tradição rural das regiões alemãs de origem dos imigrantes. Portanto, o professor paroquial foi um elemento indispensável ao processo de romanização e revitalização do catolicismo nas colônias teutas, uma vez que:

Formado na tradição disciplinar e teológica da Companhia de Jesus, presente na grande maioria das comunidades rurais da zona *alemã* e gozando de respeito e admiração junto à população, o professor paroquial – praticamente um sacerdote leigo atuante em todas as dimensões da vida comunitária- encarnou instrumento dos mais eficientes ao enquadramento moral e religioso dos teuto-brasileiros católicos. À medida que percebiam o potencial de sua dupla ação como professor e líder comunitário, os jesuítas trataram de investir numa capacitação que lhes fornecesse melhores recursos para levar a cabo à tarefa de ensinar e de liderar dentro de perspectivas pedagógicas e morais fundamentadas na filosofia cristã²³

Entre a escola paroquial e a escola secundária, destacou-se também, dentre os investimentos educacionais dos jesuítas, não mais nas colônias, mas na capital do Estado, as escolas complementares, como a Escola João José, o Ginásio Conceição em seu primeiro período, e a casa do Pe. Francisco Trappe (que se tornará o Ginásio Anchieta). Essas escolas foram concebidas para que “os homens do interior colonial participassem da vida política do país ou de que houvesse gente preparada, conhecedora do homem da colônia e disposta a

²² KREUTZ, Lúcio. **O professor paroquial : magistério e imigração alemã**. Florianópolis/ Porto Alegre/ Caxias do Sul. UFSC/UFRGS/UCS, 1991, p. 17.

²³ SEIDL, Ernesto. **Escola, religião e comunidade: elementos para compreensão do “catolicismo imigrante”**. *Pensamento Plural*, n. 2, p. 77-104, 2008, p. 84.

defender seus interesses vitais”²⁴. Entretanto, com o intuito de evitar que a formação católica dos colonos fosse questionada e até dissipada no contato com grupos laicos no meio urbano durante a preparação escolar dos católicos teutos na capital do Estado em seus colégios complementares os jesuítas alemães instauraram um de seus instrumentos de restauração católica: As Congregações Marianas.

A partir da década de 1860, nova leva de jesuítas de língua alemã ingressou no Sul do Brasil. No entanto, algumas particularidades devem ser destacadas. Uma delas refere-se à necessidade da missão em agregar padres com formação escolástica. Isto se relaciona ao fato de que, como em 1867 os jesuítas já haviam fixado residência em São Leopoldo, necessitavam constituir, tanto seus próprios quadros para a Companhia, quanto formar escolarmente a população teuta católica e a urbana nos seus educandários católicos. Neste sentido, basta frisar que, de 1860 a 1910 fundaram, além do Ginásio *Nossa Senhora da Conceição* (1869), uma série de escolas paroquiais, escolas elementares, como a Escola *João José*, e secundárias, como o *Ginásio Anchieta* (1890), em Porto Alegre, o *Gonzaga* (1894), em Pelotas, o *Stela Maris* (1899), em Rio Grande, e o *Catarinense* (1905), em Florianópolis. A fundação desses ginásios foi marcada pela percepção destes jesuítas de que:

[...] os núcleos de imigrantes se consolidavam rapidamente. A dinâmica sinalizava também para um desenvolvimento qualitativo a curto prazo. A evolução de não poucos desses núcleos para centros urbanos com um comércio crescente, uma indústria incipiente e dotada de um grande potencial de progresso, ocuparia, em uma ou duas gerações, o lugar das comunidades de colonos. Em segundo lugar, convenceram-se que no Rio Grande do Sul o poder político e a hegemonia econômica encontravam-se exclusivamente nas mãos dos estancieiros de origem lusa e açoriana. Dessa forma, não havia dúvida que os imigrantes continuariam à mercê e à margem do poder econômico por mais algumas décadas. Enclausurar as comunidades dos colonos alemães em suas picadas equivaleria a condena-las à estagnação, à involução e ao insucesso. Mandava a lógica que se construíssem, o mais rapidamente possível, pontes capazes de superar a justaposição, no mesmo espaço geográfico e jurídico, de lusos, açorianos, alemães e mais tarde italianos, pontes capazes de permitir o encontro e a mútua aceitação. Somente assim se asseguraria, apesar das diferenças étnicas e culturais, a consciência de uma cidadania comum a serviço de uma mesma nação. E qual seria a via mais curta e mais eficiente? Para um jesuíta equivalia a perguntar o óbvio: a escola e a educação ajustadas as circunstâncias concretas do tempo. Ficava claro, de um lado, que era preciso criar e fazer funcionar uma instituição educacional capaz de formar lideranças econômicas, sociais, religiosas, e principalmente políticas. De outro lado, ficava claro também que as escolas comunitárias não tinham

²⁴ LUTTERBECK, SJ. Pe. Jorge. **Jesuítas no Sul do Brasil**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de pesquisas. Publicações avulsas, n.3, 1977, p. 99

condições de assumir essa tarefa. Exigiam escolas de nível mai elevado e em condições de receber os filhos das oligarquias estancieiras e oferecer-lhes um nível de formação compatível com as tarefas que lhes cabia cumprir na sociedade regional e em muitos casos no cenário nacional e até internacional. A escola deveria acolher ao mesmo tempo também as primeiras gerações de líderes civis e religiosos surgidos entre os próprios imigrantes²⁵.

Outra foi que como a política de *Kulturkampf* de Bismarck expulsou os jesuítas da Alemanha, e assim, de 1870 a 1872, estes gradativamente deslocaram-se para Índia, para o Chile e para o Sul do Brasil, a missão alemã sofreu um incremento de pessoal, o que acarretou numa revisão de suas atividades. Dentre os padres que vieram para o sul do Brasil e se notabilizaram como educadores e/ ou missionários, destacaram-se, dentre outros, o Pe. Gustavo Locher, o Pe. Teodoro Amistad, Pe. Max Von Lassberg e o Pe. Werner Von Und Zur Mühlen. Estes, embora pouco frisado nos escritos sobre os jesuítas da missão alemã, tiveram em comum a aquisição da formação jesuítica em tempos de *Kulturkampf*. Dito de outro modo, isto significa que, até chegarem ao sul do Brasil, percorreram países em comum, e em alguns casos fixaram-se nos mesmos estabelecimentos, enquanto adquiriam a formação da Companhia de Jesus. Portanto, não representam à leva de padres jesuítas que desenvolviam atividades na província alemã.

A formação destes jesuítas deu-se no contexto da política de laicização de Bismarck. A *Kulturkampf*, como foi designada, refere-se a um movimento de caráter nacionalista, anticlerical, liderado pelo chanceler do Império Alemão, em 1872. Até 1878, Bismarck publicou uma série de decretos e leis nos quais excluía gradativamente a Igreja Católica e a Companhia de Jesus da Alemanha. Esta política de laicização foi motivada contra o clericalismo romano, como destaca Jonathan Wright:

Quando o Império Alemão se estabeleceu em 1871 não faltavam alemães reais - por exemplo, liberais anticlericais, prussianos protestantes preocupados com a união com os Estados católicos do sul da Alemanha e um chanceler incomodado pela influência de grupos católicos na política alemã – dispostos a contribuir para tal tarefa: mesmo que suas contribuições não fossem assim tão idealistas. Muito aconteceu ao longo da *Kulturkampf* de Bismarck na década de 1870: a liberdade dos púlpitos católicos foi seriamente limitada, a contribuição católica para a educação alemão foi minada, o direito de um Bispo de livremente fazer nomeações eclesiásticas foi atacado, candidatos ao sacerdócio foram até mesmo obrigados a ser treinados apenas por aqueles seminários ou universidades reconhecidas pelo Estado²⁶.

²⁵ RAMBO, Arthur Bláusio. **Apresentação**. In: LASSBERG, SJ. Max Von. *Reminiscências*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002, p. 8-9.

²⁶ WRIGHT, James. **Os jesuítas: Missões, mitos e histórias**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006, p. 231.

Neste contexto a Companhia de Jesus restaurada não saiu ileso, visto que:

Denunciando os jesuítas como emissários de Roma, o Reichstag decretou leis em 4 de julho de 1872 que deixaram os jesuítas sob a supervisão de autoridades policiais. Logo, foi decidido que eles não tinham o direito de exercer qualquer serviço no Império Alemão - tanto na educação quanto nas questões espirituais-, e centenas de jesuítas não tiveram outra alternativa a não ser sair do país.²⁷

Portanto, foi nesse período conturbado para a Companhia de Jesus na Alemanha que os jesuítas citados iniciaram sua formação na Ordem. Por exemplo, o Pe. Gustavo Locher, natural de Tettwang, Alemanha, e o Pe. Teodoro Amistad, sueco, que já haviam estudado juntos no ginásio Stela Matutina em Feldkrich, Áustria, durante esse período, de 1870 a 1872, realizaram seu noviciado em Gortheim, na Alemanha. Após, ambos partiram para a Holanda, em Wynadsrade cursar humanidades e retórica, assim como o Pe. Max Von Lassberg, que realizou seu noviciado na cidade holandesa de Exaeten, e o Pe. Werner e o Pe. João Evangelista Rick que obtiveram, muitos anos depois, sua aprovação para a vida religiosa, de 1890 a 1892, em Blyenbeck, na Holanda. Muitos outros jesuítas que cumpriram seu noviciado na Holanda, juntamente com o Pe. Werner, também acabaram desenvolvendo seu apostolado no sul do Brasil, como atesta as colocações de Arthur Rabuske SJ:

Entre os noviços do ano de 1891 Werner pôde contar com diversos conterrâneos seus [...] Natural de Osnabrück e ex-aluno do Carolinum era João Batista Hafkemeyer um dos seus futuros colegas no Anchieta de Porto Alegre, RS. Outros nomes, que no Rio Grande do Sul se tornariam conhecidos, eram Agostinho Haaser, Júlio Pöther, João Batista Krey e João Davi Muller. E da mesma forma o Pe. Bernardo Bolle, entrado na Ordem, quando já havia sido, em hora anterior, padre diocesano e ex-aluno da Germânico, em Roma. Dos demais padres residentes na Casa do Noviciado, releva ainda citarmos o Pe. Henrique Liese, S.J., que lá constava como “trabalhador apostólico”, era ótimo pregador, bem como de modo igual conferencista. Mais tarde ele demandaria o Sul brasileiro e, em São Leopoldo, RS, seria insigne professor de Exegese no Seminário Provincial, além de redator do suplemento dominical chamado *Sonntagstimmen*, do periódico *Deutsches Volksblatt*, impresso em Porto Alegre, RS²⁸.

Logo, a Holanda foi a país de refúgio daqueles jesuítas expulsos da Alemanha por Bismarck, especialmente Wijnandsrde “um antigo castelo ou casa solar rural” oferecido aos jesuítas alemães expatriados pelo Barão Luovido Von Bonfart, em 1872²⁹. Neste castelo

²⁷ Ibidem., p. 231.

²⁸ RABUSKE, Arthur. **Padre Werner. A serviço da inteligência gaúcha. 1923-1939.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999, p. 61.

²⁹ Ibidem, p. 60.

obtiveram sua formação literária e científica, em períodos distintos, Gustavo Locher, Werner Von Und Zur Mühlen, Teodoro Amistad e João Evangelista Rick, dentre outros. Alguns destes jesuítas mantiveram-se neste país para a obtenção de sua formação filosófica, como o Pe. Werner, o Pe. Locher e o Pe. Amistad, por exemplo.

Após encontram-se registros da atuação destes jesuítas como professores, ou seja, exercendo o período do magistério, na França, como o Pe. Gustavo Locher no colégio de Mongré, perto de Lyon, de 1878 a 1879, e o Pe. Werner no colégio São Miguel, em Bruxelas, Bélgica. Tais deslocamentos justificam-se, porque, após terem sido beneficiados com a Lei Falloux, a qual permitiu que a Igreja Católica, e conseqüentemente, a Companhia de Jesus, abrissem escolas primárias e secundárias, os grupos republicanos, extremamente anticlericais, exigiram a dispersão da Companhia de Jesus do território francês, em 1880. Contexto o qual descreve Jonathan Wright:

[...] Os primeiros anos da Terceira República mais uma vez testemunharam um crescimento jesuíta promissor na França – depois de 1871, 12 novos colégios foram estabelecidos – mas logo ministros incrivelmente hostis começaram a exercer o poder. Esforços católicos para reorganizar a República não foram suficientes e de maneira inevitável os jesuítas foram alvos de ataques. Em março de 1880, o Conselho de Deputados apresentou uma moção para dissolver a Companhia num prazo de três meses, e no final de junho a polícia estava desalojando jesuítas das 37 casas em toda a França e os enviando-os para a fronteira. Um fluxo constante desses exilados começou a retornar, mas um suposto envolvimento no caso Dreyfus (segundo alguns relatos, uma conspiração jesuítica) e os ministérios determinadamente anticlericais de Pierre Waldeck- Rousseau e Emile Combes fizeram com que a Companhia ficasse cada vez mais desacreditada. Em 1905, a educação jesuítica havia desaparecido da França e a Igreja Católica tinha sido completamente desestabilizada³⁰.

Desta forma, por um breve período a França foi o território aonde os jesuítas iniciavam-se no magistério. Já a presença dos jesuítas na Bélgica, embora conste que a Companhia tenha sido expulsa deste país em 1818, relaciona-se ao desenvolvimento de alguns colégios ligados a província belga. Após, para a realização dos estudos teológicos e mesmo para sua ordenação sacerdotal, além da Holanda, como foi o caso do Pe. Werner, um país que os abrigou foi a Inglaterra, em especial a localidade de Ditton- Hall, próximo de Liverpool, como atesta a passagem do Pe. Gustavo Locher e do Pe. Teodoro Amistad, entre os anos 1880 a 1884. Desta localidade que partiram o Pe. Amistad, o Pe. Locher e o Pe. Von Lasserg, juntamente com aqueles jesuítas alocados na Holanda, em 1886, por determinação do Superior da Ordem, para o Sul do Brasil, conforme o depoimento do Pe. Max Von Lasserg, SJ:

³⁰ WRIGHT, James. **Os jesuítas: Missões, mitos e histórias**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006, p. 234.

Despedi-me do belo e amado colégio “Stella Matutina” em Feldkirch, a quem devo que nunca estarei em condições de retribuir. Sem perder tempo seguimos para a Holanda e no dia 29 de julho embarcamos em Liverpool. Dez jesuítas: quatro sacerdotes, quatro escolásticos e dois irmãos partiram do porto. Oito dias mais tarde desembarcamos em Lisboa e pela derradeira vez visitamos uma Igreja na Europa, a igreja na qual foi batizado Santo Antônio. Depois navegamos de encontro ao Brasil³¹

Outros, como o Pe Werner e o Pe. Rick, antes de desembarcarem no Brasil, realizaram sua terceira provação na Ordem em Portugal, no Colégio do Barro (Torres Vedras). O ingresso e permanência deles, e de outros jesuítas que possivelmente fizeram parte da missão alemã ao Brasil, em Portugal, ocorreu na primeira década do século XX, ou seja, naquele período que se estende de 1848 a 1909, o qual os jesuítas rearticulavam-se neste país, até sua expulsão em 1910, pelos republicanos. Cabe destacar que os inicianos exilados de Portugal a partir de 1910 foram aqueles que desenvolveram a missão portuguesa no nordeste brasileiro, como analisaremos adiante.

No entanto, estes jesuítas ligados à província germânica ingressaram no Brasil antes da expulsão da Companhia de Jesus de Portugal, em 1910. A princípio alguns fixaram residência na Ilha do Desterro, Florianópolis, aonde exerceram o magistério no *Ginásio Catarinense*, como o Pe. Gustavo Locher, que já se encontrava nesta localidade, e o Pe. Werner, enquanto outros seguiram para São Leopoldo, para o *Colégio Nossa Senhora da Conceição*, como o Pe. Rick, e o Pe. Amistad. Enquanto os dois primeiros notabilizaram-se pelas suas atividades escolares, intelectuais e religiosas, os outros, inclusive o Pe. José Von Lassberg, destacaram-se, dentre suas outras atividades, como missionários, “protótipos de patres colonorum por excelência”, como revela o depoimento de Arthur Blásio Rambo:

Estamos assim frente a três personagens quase diametralmente oposto e contudo representativos dos jesuítas que a Província Alemã da Ordem costumava enviar para a missão no sul do Brasil: o espírito conquistador de Johannes Rick, filho do tirou austríaco, o suíço meticuloso mas de espírito aberto ao seu tempo e dotado de horizontes vastos Theodor Amstad e Max Von Lassberg, o pastor de almas por excelência e a encarnação do autêntico catolicismo bávaro³².

Pe. José Von Lassberg consagrou-se pela sua atuação no atendimento aos imigrantes poloneses, Pe. Rick, além de seus interesses científicos, especialmente sobre fungos, destacou-se pela defesa e expansão da colonização teuta, assim como pela sua atuação no desenvolvimento do associativismo nas regiões de imigração alemã. Associativismo este que remete a trajetória de Pe. Amstad, que além de estender sua atuação missionária do Vale do

³¹ LASSBERG, SJ. Max Von. **Reminiscências**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002 [1930], p. 34.

³² RAMBO, Arthur Blásio. **Apresentação**. In: LASSBERG, SJ. Max Von. *Reminiscências*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002, p. 10.

Caí, para Dois Irmãos, São José do Hortêncio, São Leopoldo e Santa Cruz do Sul, dedicou-se ao desenvolvimento econômico das regiões de imigração, através da expansão das caixas de créditos da União Popular.

Esta rede de organizações econômicas e sociais as quais esses jesuítas se envolveram impulsionaram o projeto de restauração católica. Dentre estas se destacam a associação dos professores teuto-católicos, a União popular (União dos agricultores), o Partido católico, a imprensa católica de língua alemã, entre outras. Tais empreendimentos, embora de natureza diversas, tiveram elementos comuns, conforme discorre Seidl em relação à trajetória da *União popular*:

A tentativa de vincular leigos de posição social às instituições de maior abrangência foi parte da estratégia de ampliação do leque de influencia católica, cujo auge seria alcançado nas décadas seguintes. Dentre os casos mais significativos está a cooptação de pessoas em posição social de destaque- como jornalistas, políticos e médicos pertencentes a famílias dispendo de relações extensas e socialmente relevantes – para assumir postos de coordenação em associações e na imprensa, dessa forma conferindo prestígio e notoriedade a tais órgãos ao mesmo tempo que mobilizaram suas redes familiares e de amizade na adesão ao projeto católico, dando maior visibilidade e capacidade de penetração³³.

Todos esses investimentos associativos e comunitários, originados a partir de 1898, data do primeiro Congresso Católico, buscaram incluir os grupos teutos nas dinâmicas sociais e políticas do sul do Brasil. A despeito da questão da valorização do sentimento de “germanidade” entre os grupos da região de imigração inculcada pelos Jesuítas que, de certo modo, dificultou sua incorporação ao Estado, o desenvolvimento econômico das regiões coloniais, baseado na pluricultura, respaldava o poder de barganha dos representantes teutos junto ao Estado.

Por outro lado, através dos seus Ginásios católicos buscaram aproximar-se do Estado, através da formação escolar e religiosa dos grupos de “elites”. Neste sentido, destacou-se a atuação do Pe. Werner, especialmente no *Ginásio Anchieta*, e do Pe. Locher, no *Stella Maris* e no *Catarinense*, além da do Pe. Rick no Ginásio *Nossa Senhora da Conceição*. A formação adquirida por estes jesuítas, e outros de trajetória similares, pautou a estrutura dessas instituições escolares. Assim, se antes a referência para as escolas paroquiais foram aquelas da região alemã do rio Reno, neste momento, o modelo impresso pautou-se pela estrutura e, sobretudo, pela disciplina dos ginásios alemães, como o *Stella Matutina*, de Feldkirch, Áustria, aonde muitos desses jesuítas haviam estudado.

Assim, do Ginásio *Nossa Senhora da Conceição*, de São Leopoldo, expandiram-se as atividades educativas dos jesuítas da província germânica, através da fundação do Ginásio *Anchieta* em 1890, de Porto Alegre, do *Gonzaga*, em 1894, de Pelotas, do *Stela Maris* em 1899, de Rio Grande, e do *Catarinense* (1905), de Florianópolis. Com estes educandários, a exceção do *Stella Maris* (Estrela do Mar), que, como os jesuítas alemães assumiram o *Catarinense*, em

³³ SEIDL, Ernesto. *Escola, religião e comunidade: elementos para compreensão do “catolicismo imigrante”*. *Pensamento Plural*, n. 2, p. 77-104, 2008, p. 87.

1905, passou a ser dirigido pelos Maristas³⁴, a missão tornou-se Vice- Província, em 1925, declarada Província em 1927. Na década de 1950 a missão expandiu-se para o Paraná, e em 1957, foi fundado o Ginásio *Medianeira*, em Curitiba. Portanto, de modo geral, “o movimento apostólico desses jesuítas deu-se da periferia para o centro: do interior para as cidades de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, tendo como ponto de partida principal a colônia de São Leopoldo³⁵”.

A última missão a ingressar no Brasil neste período foi a Portuguesa. A opção pelo Brasil, entretanto, conforme descreveu Ferdinand Azevedo³⁶ pautou-se por uma série de circunstâncias. Uma refere-se à expulsão dos jesuítas de Portugal pelo decreto republicano de 8 de outubro, num momento em que, desde o regresso a Portugal, em 1860, a província portuguesa consolidava-se com seus colégios em Campolide, e em São Fiel, e com suas missões em Macal, no Timor e na Zambísia (Moçambique). Outra foi que o Pe. Luiz Gonzaga Cabral, junto com o irmão Gomes Pereira, conseguiu fugir de Portugal para Madrid, e de lá avaliavam e informavam as melhores alternativas para a província portuguesa da Companhia de Jesus. Neste mesmo ano Dom Jerônimo Tomé da Silva, Arcebispo de Salvador, e ex-aluno dos jesuítas no Pio- Latino Americano, pediu para o superior dos jesuítas da missão central da província romana, Pe. Justino de Lombardi, e para o Pe. Cabral, da missão portuguesa, jesuítas para desenvolver o catolicismo no nordeste brasileiro. Deste modo, inicialmente, Pe. Cabral enviou noventa e um jesuítas, cinquenta padres, trinta e nove irmãos e dois escolásticos para o Brasil.

Anteriormente a este período já haviam estado no Brasil alguns jesuítas da missão Portuguesa, como o irmão José Guterres, em 1873, que esteve no Colégio São Francisco Xavier, em Recife, até a dispersão dos jesuítas pela questão religiosa, o Pe. Bento Schettini, em 1879, que pregou na missão central da província romana da Companhia de Jesus em São Paulo e no Rio de Janeiro, e em 1906, o Pe. José Dias Silveiras passou um semestre na Bahia. Assim, mesmo que alguns dos jesuítas portugueses esporadicamente estabelecessem no Brasil, a vinda conjunta dos jesuítas expulsos de Portugal, significava, na avaliação do Pe. Cabral, frente à dispersão em que se encontravam um meio de manter a missão portuguesa coesa em torno de atividades educativas comuns.

Em torno destas atividades comuns a missão portuguesa dividir-se-ia pelo nordeste brasileiro, nos Estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas. Inicialmente, após serem proibidos de desembarcar no Brasil por decreto do Presidente da República Nilo Peçanha, conseguiram seguir para o Ginásio Santo Inácio no Rio de Janeiro por intermédio do jurista Cândido Mendes de Almeida Filho. Deste modo, depois desta curta estada no Rio de Janeiro seguiram para a Bahia.

A Bahia foi o primeiro Estado que a missão portuguesa estabeleceu-se porque Dom Jerônimo da Silva, Arcebispo de Salvador, no seu pedido de Jesuítas para este Estado, manifestava a vontade abrir uma escola em Salvador. Todavia, nesta época, outras ordens religiosas, também incentivadas por Dom Jerônimo, administravam ginásios em Salvador, como os Maristas e os Salesianos. Isto fez com que os jesuítas demorassem a encontrar a

³⁴ O Stella Maris” (Estrela do Mar) depois teve o nome de Sagrado Coração de Jesus e mais tarde, quando passou aos irmãos Marista, foi nomeado de São Francisco.

³⁵ LEITE, Luiz Osvaldo. **Jesuítas cientistas no sul do Brasil**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2005, p. 16.

³⁶ Cf. AZEVEDO, Pe. Ferdinand. **A missão portuguesa da Companhia de Jesus no nordeste (1911 a 1936)**. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches- FASA, 1986.

localidade para seu Ginásio, mas, após um ano, em 1911, com a ajuda da Arquidiocese para a compra do terreno, fundaram o Ginásio *Antônio Vieira*, como externato.

Neste mesmo período, monsenhor Luis Pinto Bastos, pede que os jesuítas abram uma escola em Caetitê. As forças políticas locais desta cidade, as famílias Teixeira, Rodrigues Lima, e Tanajura, estavam em desacordo em relação à instalação da Escola Americana, fundada pelo prebiteriano Mac-Cauly, e apoiada politicamente e financeiramente pelo Coronel Cazzuzina, José Rodrigues Lima. Em torno desse embate político que a missão portuguesa da Companhia de Jesus foi chamada para fundar, em 1912, o Instituto *São Luis Gonzaga*, pelo grupo opositor do coronel. Entretanto, este Instituto teve vida efêmera, pois, com a fundação das Escolas Normais, não conseguiu manter-se.

Alguns dos jesuítas que estavam alocados no Instituto, entre 1912 a 1915, partiram em missão para o sertão baiano, para Carinha-nha, Palmas do Monte Alto, Cocos, Campestre, Gentio, Mamonas, Rio do Antônio, São João do Paraguassu, dentre outras localidades. Após seguiram para Recife, porque, Dom Luís Raimundo da Silva, Arcebispo de Olinda, havia oferecido um colégio aos jesuítas. Entretanto, ao chegarem em Recife, tomam conhecimento de que se tratava apenas da administração do Colégio Diocesano e não aceitaram. Quando Dom Sebastião Leme assumiu a arquidiocese insistiu para que os jesuítas inaugurassem um colégio no Recife, e assim, em terreno próprio o Ginásio Manuel da Nóbrega fora inaugurado em 1917.

Na década de 1920 a missão portuguesa fixou residência também no Maranhão, através da casa Nossa Senhora dos Remorsos, em São Luís, e em Fortaleza, aonde transformam a Capela São Luis Gonzaga em Cristo Rei, além da Escola Apostólica fundada em 1927, em Baturité, Ceará. Destaca-se também, em relação aos seus ginásios, tanto no de Recife, como no de Salvador as atividades das Congregações Marianas destinadas à mocidade acadêmica fomentadas pelos jesuítas e compostas por seus ex-alunos. Portanto, com a missão portuguesa as diversas províncias fixaram-se no Brasil e expandiram seus quadros através da formação, em seus Seminários, dos brasileiros³⁷.

A formação escolar das “Elites” da Republica: A implantação dos Ginásios dos Jesuítas e o método pedagógico comum

Como visto, entre as missões dos jesuítas que se fixaram no Brasil, a exceção da portuguesa no nordeste brasileiro, ocorreu um movimento no sentido do interior dos Estados para os centros urbanos. Algumas circunstâncias exteriores determinaram este movimento, por exemplo, o surto de febre amarela no final do século XIX, que levou os jesuítas da missão romana a transferirem o Ginásio *São Luís* de Itu para São Paulo. No entanto, embora fatores externos tenham sido relevantes, de modo geral, o desenvolvimento das atividades das missões dos jesuítas deu-se do interior para os centros urbanos.

Se junta a esta dinâmica a correspondência entre a nacionalidade das missões dos jesuítas e a origem das populações das regiões em que se fixaram. Por exemplo, a missão romana estabeleceu-se em Itu no momento da crise do Brasil – Império, em que o esgotamento

³⁷ Para detalhes sobre a divisão territorial da Companhia de Jesus restaurada no Brasil e a expansão de suas instituições formativas e educacionais ver: BRESCIANI, SJ, Carlos. **Companhia de Jesus. 450 anos a serviço do povo brasileiro**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

da produção açucareira e o fim do trabalho escravo, impulsionou a vinda de imigrantes italianos para o desenvolvimento do cultivo do café nesta região. Os jesuítas de língua alemã na região sul anteriormente já haviam repetido esta dinâmica quando se fixaram em São Leopoldo. Como ilustra o quadro abaixo:

Quadro I: Ginásios católicos fundados por jesuítas (1860-1960): Missões e colonização

Ginásio	Ano de fundação	Cidade/Estado	Colonização	Missão jesuíta
São Luiz	1867	Itu/ SP – São Paulo/ SP	Lusa/ Italiana	Italiana (Romana)
Nossa Senhora da Conceição	1870	São Leopoldo/ RS	Alemã	Alemã
Anchieta	1886	Nova Friburgo/ RJ	Suíça, alemã/Lusa/ Italiana e Síria	Italiana (Romana)
Anchieta	1890	Porto Alegre/ RS	Lusa	Alemã
São Luiz Gonzaga	1894	Pelotas/ RS	Lusa	Alemã
Stela Maris/ Sagrado Coração de Jesus	1899	Rio Grande/ RS	Lusa	Alemã
Santo Inácio	1903	Rio de Janeiro/ RJ	Lusa	Italiana (Romana)
Catarinense	1905	Florianópolis/SC	Lusa	Alemã
Antônio Vieira	1911	Salvador/ BA	Lusa	Portuguesa
Nóbrega	1917	Recife/ PE	Lusa	Portuguesa
São Francisco Xavier	1934	São Paulo/ SP	Lusa/ Japonesa	Italiana/japonesa
Loyola	1943	Belo Horizonte/ MG	Lusa	
Nossa Senhora da Medianeira	1957	Curitiba/ PR	Lusa	Alemã

Fonte: Elaboração própria a partir dos sites dos Ginásios e de Locher (1914)

Todavia, como demonstra o quadro acima, se os primeiros empreendimentos educacionais dos jesuítas ligaram-se aos grupos de imigração, após direcionaram-se para a formação dos grupos urbanos através da instalação de seus educandários em Capitais significativas do território brasileiro.

Ao fundarem seus Ginásios em território brasileiro os Jesuítas, independente da missão que fizeram parte, tiveram que adaptar seu ensino às diretrizes curriculares nacionais. Desde fins do Império o Colégio Dom Pedro II (que em 1890 passou a ser chamado de Ginásio Nacional) era considerado a instituição nacional padrão que todos os ginásios, públicos ou privados, deveriam buscar sua equiparação. Uma vez equiparados estes ginásios deveriam seguir o regulamento e o currículo do Ginásio Nacional, sendo fiscalizados por inspetores federais nomeados pelo governo central.

Quanto aos currículos e as diretrizes nacionais na transição do Império para o período republicano pouca mudança foi sentida nos objetivos do ensino secundário, que continuava a ser o ingresso das camadas mais abastadas e ilustradas no ensino superior, mas à concepção de

ensino modificou-se. Se, as reformas curriculares ocorridas no Império privilegiavam a formação humanística, literária, as do período republicano pautavam-se pela inclusão do ensino científico. Assim, como “As reformas ocorridas no Brasil, a partir de 1870, foram influenciados pelas discussões que ocorriam na Europa, onde dois grupos defendiam propostas distintas para o ensino secundário: os defensores do ensino científico e os defensores da formação humanística”, a partir da reforma de 1890 (Benjamin Constant) houve uma “conciliação do humanismo com um enciclopedismo inspirado no positivismo³⁸”.

Portanto, a partir de então as disciplinas de cunho científico figuravam no currículo oficial do Ginásio Nacional. Os Jesuítas tiveram que adaptar tanto seu método pedagógico, quanto os conteúdos que mais valorizavam para cumprir as diretrizes nacionais, porque seus Ginásios obtiveram a equiparação ao Dom Pedro II, em pouco tempo de funcionamento. Neste sentido, em relação à formação humanística os jesuítas ressignificaram “os conteúdos indicados nas ementas das “disciplinas saber” do eixo literário do Colégio Pedro II, dando-lhes a direção exigida pelo emergente catolicismo romanizado, no qual a Companhia de Jesus exercia liderança intelectual”³⁹.

Desta forma, nas disciplinas de línguas e de literatura enfatizavam os autores da época clássica, nas de História valorizavam a Idade Média. Isto é percebível nas memórias do escritor Jorge Amado, que foi aluno do Ginásio Antônio Vieira de Salvador, publicadas no livro “O menino Grapiúna”, cujo trecho reproduz-se abaixo:

Aplaudido orador sacro, o padre Luiz Gonzaga Cabral era a grande estrela do colégio, a sociedade baiana vinha em peso ouvir seu sermão dominical. Brilhava também no Liceu Literário Português nas comemorações de datas lusitanas. Tendo adoecido o nosso professor de Português, Padre Faria, ele o substituiu. Seus métodos de ensino nada tinham de ortodoxos. Em lugar de fazer analisar os Lusíadas, tentando descobrir o sujeito oculto e dividir as orações, reduzindo o poema a complicado texto para as questões gramaticais, fazendo-nos odiar Camões, o padre Cabral para seu deleite e nosso encantamento, declamava para os alunos episódios da epopéia. Apesar do sotaque de além-mar, a força do verso nos tocava e possuía. Lia-nos igualmente a prosa de Garret, a de Herculano, cenas de Frei Luiz de Souza, trechos de “Lendas e Narrativas” Patriota, desejava sem dúvida nos fazer consciente da grandeza de Portugal, o Portugal das descobertas e dos clássicos. Obtinha bem mais que isso: Despertar nossa sensibilidade, retirando-nos do pólo da gramática portuguesa (cujas rígidas regras nada tinha haver com a língua falada pelo povo brasileiro), para a sedução da literatura, das palavras vivas e atuantes. As aulas de Português adquiriram outra dimensão⁴⁰.

³⁸ ZOTTI, Solange. **Sociedade e currículo no Brasil: Dos Jesuítas aos anos de 1980**. Campinas: Autores associados, 2004, p. 56.

³⁹ DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República**. 1. ed. Florianópolis - SC: Cidade Futura, 2001, p. 112.

⁴⁰ AMADO, Jorge *apud* AZEVEDO, Pe. Ferdinand. **A missão portuguesa da Companhia de Jesus no nordeste (1911 a 1936)**. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches- FASA, 1986, p. 71-72.

De modo geral, os padres jesuítas dos ginásios católicos mantiveram as disciplinas do currículo oficial, mas resignificaram seus conteúdos, tanto os saberes literários, “em que os conteúdos são mais moldáveis pela ideologia, mas também nos saberes matemáticos - científicos que procuravam contraporem-se as visões científicas – materialista⁴¹”. Além disso, incluíram disciplinas no currículo oficial, que, mesmo em caráter facultativo, tiveram importância no tipo de formação proporcionada em suas instituições escolares, a exemplo da inclusão das disciplinas de religião, música, ginástica, e nos ginásios coordenados pela missão germânica, à disciplina de alemão, como demonstra o programa dos cursos do Ginásio Anchieta, de Porto Alegre, na década de 1920:

Quadro II: Programa dos cursos do Ginásio Anchieta (1921)

Elementar (primeiras letras- 3 anos)	Ginásial (5 anos)
Instrução religiosa	Instrução religiosa
Leitura	Português
Ortografia	Francês
Gramática	Inglês ou Alemão
Aritmética e geometria práticas	Latim
Geografia	Aritmética
Cronologia e história pátria	Álgebra
Noções de Ciências	Geometria e trigonometria
Caligrafia	Geografia
Desenho	Cosmografia
	História universal e do Brasil
	Física e química
	História natural
	Lógica
	Ginástica
	Psicologia
	História da Filosofia
	Desenho

Fonte: Elaborado a partir do relatório do Ginásio Anchieta (1921)

Em relação à disciplina de religião, que consta na maioria dos relatórios do Ginásio Anchieta, de modo geral, “[...] procurava proporcionar aos ginásianos dos padres jesuítas saberes católicos consistentes, que iam muito além dos rudimentos da catequese e da primeira eucaristia, tratando de oferecer aos alunos uma armadura teológica que pudessem habilitá-los para enfrentar os perigos filosóficos e ideológicos modernos.⁴²”. Inclusive, para legitimar a disciplina de religião, e relacioná-la ao debate científico, os padres jesuítas costumavam designar o mesmo professor da área de ciências para ministrar o ensino religioso.

Entretanto, os métodos da *Ratio Studiorum*, desde sua elaboração, vão muito além das disciplinas e dos conteúdos escolares. Eles pautavam-se por uma série de práticas que visavam

⁴¹ DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República**. 1. ed. Florianópolis - SC: Cidade Futura, 2001, p. 127.

⁴² Ibidem, p. 122.

produzir sujeitos disciplinados, competitivos e dóceis. Para tanto, organizavam a estrutura física do ambiente escolar de modo que os padres jesuítas pudessem controlar de perto seus estudantes, estimular o incitamento e a emulação permanente, estabelecer a divisão do tempo e do espaço. Allain Guillerrou sintetiza, em poucas linhas, a essência do *Ratio*:

A vida de um colégio jesuítico repousa sobre uma estrita disciplina. Vela por ela, de acordo com os padres dos alunos, o reitor, assistido por seus prefeitos de estudos, e representado, em cada classe, por um mestre principal. Os castigos perdem sua funcionalidade em um regime autoritário flexível: os castigos corporais- se trata de uma inovação- vão caminhando a um progressivo desuso. Em contra-partida, se estimula aos alunos no sentido da honra, que os excita a emulação em classe. (...). Outra inovação: os períodos de repouso, seja férias de longa duração, como certos recreios, sempre objeto de vigilantes cuidados⁴³.

A estrutura dos Ginásios jesuítas e as funções atribuídas a certos padres correspondiam a uma vigilância constante na vida dos estudantes, uma vez que “o olhar sobre todos e cada um dos alunos procurava ver todas as suas atitudes em todos os espaços do colégio, como as salas de aula e os pátios, bem como fora dele, nos diversos lugares da cidade⁴⁴”. Um antigo aluno dos primórdios do Ginásio *São Luís* de Itu, José Torres de Oliveira, relembrou a figura do mestre de disciplina, em depoimento sobre este educandário: “[...] o Padre José Giomini, Ministro ou Mestre de disciplina. Baixo, gordo, vermelho, ativíssimo. Tudo vigiava e a tudo superintendia: dormitórios, refeitórios, salões de estudo, recreios, despensa, cozinha. Era também o censor da correspondência [...]”.⁴⁵

A disciplina era estimulada tanto nos estudos, quanto na vida privada dos estudantes. Especialmente os alunos que freqüentavam o ginásio em regime de internato tinham todo o seu dia organizado, controlado e acompanhado pelos prefeitos ou mestres de disciplina. O quadro abaixo sistematiza a divisão do tempo de um aluno interno do Ginásio *Nossa Senhora da Conceição*, de São Leopoldo:

Quadro III: Divisão do tempo no Ginásio Nossa Senhora da Conceição (*Ordem do dia para os internos*)

Inverno	Verão	Atividade
05h30m	05h00m	Levantar
	05h30m	Estudar
06h00m	06h00m	Missa
06h30m	06h30m	Café, recreio
07h00m	07h00m	Estudo
08h00m	08h00m	Aula

⁴³ GUILLERMOU, Alain. *Los jesuítas*. Barcelona: Oikos-Tau, 1970, p. 29

⁴⁴ DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República*. 1. ed. Florianópolis - SC: Cidade Futura, 2001, p. 186.

⁴⁵ BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO. *Anais do IV centenário da Companhia de Jesus*. Rio de Janeiro: Serviço de documentação, 1946, p. 408.

Inverno	Verão	Atividade
10h00m	10h00m	Recreio
10h15m	10h15m	Aula
11h00m	11h00m	Almoço, recreio
12h30m	12h30m	Estudo
13h00m	13h00m	Estudo, aula particular
13h45m	13h45m	Recreio
14h00m	14h00m	Aula
16h00m	16h00m	Jantar, recreio
17h30m	17h30m	Estudo, aula particular
19h00m	19h00m	Chá
19h15m	19h15m	Estudo livre, leitura
20h00m	20h00m	Oração da noite, deitar

Fonte: Elaborado de ULMANN (1989, p. 200)

O resultado desta vigilância constante, aliado a um currículo maçante, agradava os professores, e aos pais dos alunos, como comprova o comentário do Pe. João Evangelista Rick que foi professor do Ginásio Nossa Senhora da Conceição:

No tempo que lecionei matemática e história natural no Ginásio Nossa Senhora da Conceição a instituição estava equiparada aos ginásios do Estado, significa que os egressos podiam freqüentar universidades. O currículo durava seis anos e estava abarrotado com um monstruoso conteúdo didático. Só para as línguas: Português, latim, grego, francês, inglês e alemão, exigia-se mais conteúdo do que nos ginásios alemães em oito anos. A atividade como um todo era insalubre corporal e espiritualmente em todos os sentidos. Encontrei os alunos no seu conjunto aplicados e também inteligentes, alguns até prematuros. Obviamente não era possível atingir profundidade. Excetuando as revoluções que faziam parte da vida sul-americana e que repercutiam intermitente no andamento do internato, o comportamento dos alunos era tão bom como nos ginásios alemães... A disciplina germânica agradava aos pais, com certeza nem sempre aos alunos⁴⁶.

Outra característica do método pedagógico dos jesuítas foi o incitamento permanente e a emulação. Tratava-se de um constante estímulo, em sala de aula, a competição intelectual entre os alunos, no qual

Os professores jesuítas eram orientados a dividir as classes em decúrias adversárias, que tinha as suas hierarquias próprias, cujos oficiais eram escolhidos de dois em dois meses, mediante realização de prova específica. Para sustentar a estado de alerta permanente, os professores

⁴⁶ RICK, S.J., Pe. João Evangelista. **Memórias especiais** (Coletânea e tradução por Pe. Arthur Rabuske, SJ). In: RABUSKE, Pe. A. RAMBO, Arthur. Pe. J. E. Rick, SJ. *Cientista, colonizador, apóstolo social, professor*. São Leopoldo: Unisinos, 2004, p. 187.

deveriam provocar competições intelectuais entre as decúrias ou entre os diversos indivíduos das decúrias, pois cada uma tinha o seu êmulo no grupo adversário. A emulação estava conjugada a um sistema individualizado de avaliação, classificação e premiação, que é um dos sinais visíveis da escolarização moderna⁴⁷.

Os grupos vitoriosos destas competições eram premiados com pequenos mimos, ou de forma simbólica. O Pe. Cândido Mendes, que foi duas vezes Superior da missão portuguesa no Brasil, em uma reflexão sobre o método pedagógico da Companhia recomendava a prática do incitamento, pois,

Essa emulação honesta, exposta na regra 3, dos professores das classes inferiores, que é grande encitamento para estudo e por isso se deve fomentar. A arte do professor deve estar em despertar, orientar e conservar tenso esse estímulo nos alunos para tirar dele todo proveito. Os meninos têm, pelo menos latente, esse sentimento de brio que os leva à conquista de vitórias. É vê-los nos jogos, onde brota espontâneo desde os primeiros anos depois do uso da razão⁴⁸.

Com a supressão dos antigos castigos corporais nos colégios jesuíticos “a emulação e a premiação foram ainda mais tonificadas e aperfeiçoadas”. O sistema de premiação individual, produto da emulação, que ocorria bimestralmente e anualmente, organizava-se do seguinte modo,

Havia duas categorias de prêmios: uma referia ao procedimento dos alunos e tinha como referência as quatro divisões do corpo discente. Assim, em cada divisão premiava-se o primeiro lugar – “o prêmio de honra”-, alguns próximos ao premiado e os digno de menção honrosa. Os critérios de classificação de procedimentos eram ligados as condutas dos discentes, como pontualidade, regularidade, obediência ao regimento, empenho pessoal. Nas duas divisões dos internos, havia também o prêmio de “ordem e limpeza”, em que, em que eram destacados o primeiro colocado e aqueles dignos de menção honrosa. A outra categoria levava em conta o desempenho intelectual dos alunos nas disciplinas –saber concedendo prêmios pelo aproveitamento. Em cada classe do curso ginásial, premiava-se os alunos no conjunto das matérias, destacando-o primeiro lugar – “prêmio de excelência”-, o segundo prêmio e alguns dignos de menção honrosa e, em cada disciplina, o primeiro colocado e também aqueles dignos de menção honrosa⁴⁹.

⁴⁷ DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República**. 1. ed. Florianópolis - SC: Cidade Futura, 2001, p. 147.

⁴⁸ MENDES, Candido *apud* AZEVEDO, Pe. Ferdinand. **A missão portuguesa da Companhia de Jesus no nordeste (1911 a 1936)**. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches- FASA, 1986, p. 257.

⁴⁹ DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República**. 1. ed. Florianópolis - SC: Cidade Futura, 2001, p. 165-166.

Estas premiações ocorriam de forma pública, e, muitas vezes, com a presença de autoridades políticas, civis e religiosas, conforme consta nos relatórios do Ginásio Anchieta, e como descreveu Norbert Dallabrida para o caso do Ginásio Catarinense. Portanto, o sistema de emulação e premiação incentivava um processo de distinção entre os alunos. Cabe destacar também o incentivo a prática de jogos competitivos entre os grupos discentes, ou contra outros colégios, a exemplo da prática do futebol, esforços estes que também eram recompensados de modo público.

Em relação ao método pedagógico dos jesuítas, dado a crescente procura por seus ginásios, especialmente entre 1900 até 1950, pode-se considerar que as várias missões de jesuítas que ingressaram no Brasil em fins do século XIX e inícios do século XX, formaram as elites urbanas do período republicano, através desta normatização escolar descrita acima.

Considerações finais

Buscou-se, neste artigo, mesmo de que sinteticamente, delimitar os condicionantes internacionais e nacionais do reingresso da Companhia de Jesus ao Brasil, para então compreender as atividades que desenvolveram neste país. Deste modo, demonstrou-se que nas diversas localidades que os jesuítas se estabeleceram instalaram Ginásios de ensino secundário que logo conseguiram equiparação federal, sendo atrativos para os grupos de “elites” que almejavam o ingresso no ensino superior.

Além disso, seu método de estudos – a Ratio Studiorum- adaptado às diretrizes curriculares nacionais produziu uma uniformização escolar, cujos traços mais marcantes dizem respeito à disciplina, a formação científica e a competição escolar. Traços os quais produziram indivíduos que alcançaram posições dirigentes em vários âmbitos sociais, como o político, o intelectual, o eclesiástico, dentre outros, durante o período republicano no Brasil.

Portanto, ao evidenciar os condicionantes do reingresso da Companhia de Jesus, os Ginásios implantados e seu método pedagógico demonstra-se que, embora apenas recentemente considerado na bibliografia disponível, as Ordens religiosas, sobretudo a Companhia de Jesus, tiveram uma atuação proeminente na formação escolar, além dos quadros eclesiásticos, dos grupos relevantes no período republicano brasileiro.